



RESIGNAÇÃO NA ADVERSIDADE

Essas partidas sucessivas de todos aqueles que nos foram caros são outras tantas advertências solenes; arrancam-nos do nosso egoísmo; mostram-nos a puerilidade das nossas preocupações materiais, das nossas ambições terrestres e convidam-nos a nos preparar para essa grande viagem. (...)

A morte dos nossos filhos é também uma fonte de amargos pesares. Um pai, uma mãe não poderiam ver desaparecer, sem dilaceração, o objeto de sua afeição. É nessas horas desoladas que a filosofia dos Espíritos é para nós o grande socorro. Às nossas queixas, à nossa dor de ver existências cheias de promessas, logo partidas, ela responde que uma morte prematura é, muitas vezes, um bem para o Espírito que se vai e encontra-se livre dos perigos e das seduções da Terra. Essa vida tão curta — inexplicável mistério para nós — tinha sua razão de ser. A alma confiada aos nossos cuidados, às nossas ternuras, aí vinha aperfeiçoar o que tinha sido insuficiente para ela numa encarnação precedente. Nós apenas vemos as coisas do ponto de vista humano, e, daí, vêm nossos erros. A estada dessas crianças, na Terra, ter-nos-á sido útil. Terá feito nascer no nosso coração as santas emoções da paternidade, sentimentos delicados, até então, por nós desconhecidos, que enternecem e tornam-se melhores. Terá formado entre nós e eles laços bastante poderosos para nos prender a esse mundo invisível que nos reunirá a todos. Pois, aí, está a beleza da doutrina dos Espíritos. Com ela, esses seres não estão perdidos para nós. Deixam-nos, por um instante, mas estamos destinados a reunirmo-nos de novo.

Que digo? Nossa separação é apenas aparente. Essas almas, essas crianças, essa mãe bem-amada estão perto de nós. Seus fluidos, seus pensamentos envolvem-nos; seu amor protege-nos. Podemos mesmo, às vezes, comunicarmos com eles, receber seus encorajamentos, seus conselhos. Seu afeto por nós não se dissipou. A morte tornou-o mais profundo e mais esclarecido. Eles nos exortam a expulsar para longe de nós essa tristeza vã, esses desgostos estéreis, cujo espetáculo torna-os infelizes. Suplicam-nos para trabalhar com coragem e perseverança pelo nosso adiantamento, a fim de reencontrá-los, de reunirmo-nos na vida espiritual.

Léon Denis

Do livro: *Depois da Morte*. CELD

Estudo: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. V – “Bem-Aventurados os Aflitos”, item 21.

PERDA DE PESSOAS AMADAS E MORTES PREMATURAS

21. Quando a morte vem até vossas famílias, levando, sem critério algum, os jovens antes dos velhos, muitas vezes dizeis: “Deus não é justo, porquanto sacrifica o que é forte e cheio de vida, para conservar aqueles que viveram muitos anos plenos de decepções; (...) parte o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que fazia toda a sua alegria.

Humanos, é nisso que tendes necessidade de vos elevar acima da terra a terra da vida, para compreender que o bem muitas vezes está lá onde se acredita ver o mal, a sábia providência onde se crê ver a cega fatalidade do destino. Por que avaliar a justiça divina pelo valor da vossa? (...) Nada se faz sem uma finalidade inteligente e, seja lá o que for, cada fato tem sua razão de ser. Se procurásseis investigar minuciosamente todas as dores que vos atingem, nelas sempre iríeis encontrar a razão divina, a razão regeneradora, e vossos insignificantes interesses teriam uma importância tão menor que vós os colocaríeis em último plano.

Acreditai em minhas palavras, a morte é preferível, mesmo numa encarnação de vinte anos, a esses desregramentos vergonhosos que angustiam as famílias honradas, destroem o coração de uma mãe e fazem embranquecer, antes do tempo, os cabelos dos pais. A morte prematura muitas vezes é um benefício que Deus concede àquele que desencarna e que assim fica resguardado das misérias que a vida apresenta, ou das tentações que poderiam causar a sua perdição. Aquele que morre na flor da idade não é vítima da fatalidade, Deus simplesmente julga que lhe é útil não permanecer mais tempo sobre a Terra.

É uma grande infelicidade, dizeis, que uma vida tão cheia de esperanças seja interrompida tão cedo. De quais esperanças quereis falar? Das esperanças da Terra, onde aquele que desencarnou poderia brilhar, fazer sua carreira e sua fortuna? Sempre essa visão estreita que não se pode elevar acima da matéria. Sabeis, por acaso, qual teria sido a sorte dessa vida tão plena de esperanças segundo a vossa avaliação? (...) Então, considerais como nada as esperanças da vida futura, preferindo as da vida passageira que levais na Terra? (...)

Alegrai-vos em vez de chorar, quando Deus resolve retirar um de seus filhos desse vale de misérias. Não é egoísmo desejar que ele fique na Terra para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que não tem fé, e que vê na morte uma separação eterna, mas vós, espíritas, sabeis que a alma vive melhor desembaraçada de seu invólucro corporal; mães, vós sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós, sim, eles estão bem perto; seus corpos fluídicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os enche de alegrias, mas também as vossas dores sem razão os afligem, porque elas denotam falta de fé e porque são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós, que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração, chamando esses entes bem-amados, e se pedirdes a Deus que os abençoe, sentireis em vós consolações poderosas, dessas que secam as lágrimas, e aspirações superiores que vos mostrarão o futuro prometido pelo soberano Mestre. (*Sanson*, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, 1863.)